

Entrevista - Toinho Alves

Há uma descaracterização aí, vide sua uma ironia.

A descaracterização já tinha sido feita. O estilo do governo e a linguagem da propaganda do governo, o método de propaganda e a visão que o governo tinha de comunicação social publica era completamente diferente daquilo que eu pensava, mas, casava-se muito bem com a contratação de uma equipe profissional com a linguagem e experiência da Companhia de Selva, que atuava e que tinham esse know-how do marketing, que é uma coisa que eu não domino e não gosto muito, embora admire algumas soluções, campanhas inteligentes, acho bem feitas algumas coisas, mas não tenho muita vontade de aprender a fazer. E eu acho que gostaria de desenvolver uma estética mais transgressora dos padrões vigentes e dominantes da linguagem, e menos comercial ao mesmo tempo. Não descarto a possibilidade de fazer marketing político, desde que seja pra um candidato narcisista, um anti-candidato ou um candidato com idéias inovadoras. Talvez surgisse alguma força política mais avançada do que a Frente Popular do Acre (grupo político liderado pelo PT, com participação de outros partidos), mais de esquerda e, ecológico.

Costumo dizer que nós precisamos de uma oposição ecologista e socialista. O Partido Verde me decepcionou muito. Pensei que, FPA, ele seria... deveria ser uma facção mais radical em termo de defesa do ideário da liberdade civil e da conservação do meio ambiente, deveria ser uma força uma linguagem política mais criativa e renovadora, como quando ele prometeu no início. Quando Gabeira (deputado federal Fernando Gabeira) saiu com o PV uma novidade. Minoritário, mas que propunha estilo, uma linguagem diferente, um tipo de vida diferente. Tanto que o pessoal do PV esqueceu disso, bando de burocratas que ocupa cargos públicos e faz o mesmo tipo de atuação política dos outros partidos. A principal liderança atualmente do PV é Zequinha Sarney. Então, num âmbito local, acho que aconteceu essa acomodação do PV, que, de resto, acompanhou uma acomodação de todos os movimentos sociais e ambientais do Estado. Ta todo mundo muito comportadinho, dependente do governo. Todo mundo fala a linguagem do projeto oficial do governo, ninguém renova, ninguém cria e isso acompanhou um processo de 'mediocrização' do jornalismo. Não existe mais o Varadouro, ele morreu ali. Não morreu na história, morreu o legado, que está escondido aí, em alguma gaveta. Os próprios fundadores do Varadouro, que afirmaram a liberdade imprensa na década 80, saíram de cena, envelheceram, desistiram ou foram simplesmente excluídos do ambiente público da imprensa local e a imprensa se renovou pela direita e mediocridade.

O domínio das empresas se constituiu. De um lado, o império 'flavianista' da Gazeta e, do outro, o império 'narcisista' do Rio Branco. Tanto TV, quanto rádio e jornal requisitavam cada vez mais profissionais desqualificados que fossem capazes apenas de seguir a ordem do chefe e latir para adversários políticos, feito 'cachorrinhos de guarda'. Não precisava escrever bem, nem precisa ter idéias próprias, era proibido, bastava apenas escrever o que o chefe mandava, escrever a favor do governo 'que nós apoiamos' ou contra o governo 'que nós combatemos'. Enfim, essa visão puramente politiqueira, comercial da imprensa, predominou e toda uma geração de repórteres e

apresentadores, jornalistas, locutores, se formou, trabalhou, atuou dentro disso daí. Acho que, agora, com o advento da internet e das novas mídias que a internet possibilita, está havendo uma mudança nesse cenário, mas essa mudança ainda não é assimilada pelo sistema político. Mas ela vai ser assimilada porque o sistema político tende sempre a sobreviver, ele não vai ficar segurando numa canoa que afunda. Tanto os jornais, como os veículos de comunicação, como fumadores de opinião pública estão falindo. Isso, bem visivelmente aqui no Acre. Eles são extensões de grupos econômicos e políticos, mas eles estão extensões cada vez mais dispendiosas e inúteis.

O impacto que eles têm na conservação do poder e na conquista do poder por esses grupos políticos é muito pequeno e o dinheiro que eles 'comem' é muito grande. Então, o sistema político tende a descartá-los em favor de mídias mais baratas e mais eficazes na conquista do público. A inclusão digital é irreversível. A inclusão, a alfabetização, é progressiva. Então, esses meios de comunicação que estão baseados na pouca alfabetização do público, na possibilidade, portanto, de enganar, mentir... esses veículos vão perdendo cada vez mais eficácia. Talvez a saída de sobrevivência fosse se tornar mais veículo para entretenimento. A televisão, se fosse sobreviver de jornalismo, estaria perdida, porque o jornalismo da televisão só se sustenta por causa do entretenimento.

Mas essa imprensa é mascarada como de cobertura política, veja quantas paginas ocupa a agenda oficial.

É, mas, é uma coisa que... quem é o povo que se informa da agenda política através dessa imprensa?

A existência dela é mais simbólica?

Não diria que é simbólica. Ela é também uma forma de canais de realocação de dinheiro, através da publicidade, da compra da opinião dos jornais. Com o dinheiro que o governo gasta com um jornal, ele está sustentando uma porção de gente, o sistema político. E ele está sustentando uma porção de negócios periféricos: aluguel de carros, a butique da esposa do dono do jornal, a empresa de publicidade, uma série de pequenos negócios que se articula em torno desse dinheiro, que surge através da existência de um jornal.

As duas principais emissoras de televisão do Estado são sustentadas por empresas que vendem remédios para o Governo. Vamos dizer que a comunicação é moeda de troca no negócio principal, que é a venda de remédios. E agora, é diversificado, agora tem venda de veículos. São um aglomerado de empresas que começaram como vendedores de remédios e depois, diversificaram. Inclusive, o fato de investirem em veículos de comunicação foi o início dessa diversificação para uma variedade maior de empresas. Isso, de um veículo que, em tese, poderia se sustentar, que é a televisão. Mas, imagina você, aqui em Rio Branco na capital do Acre, nós temos as TVs Rio Branco, Acre, União, Cinco, Aldeia, têm outras aí, pelo menos seis emissoras, todas com programação local. Seis emissoras com programação local. Isso não tem nem nas maiores cidades brasileiras. Isso, sem falar que nós temos os jornais Rio Branco, Gazeta, Tribuna, Página 20. Quatro jornais diários e um semanário do Estado. E várias emissoras de rádio, pelo menos uma meia dúzia. Então, o complexo de comunicação aqui é muito grande e todo ele sustentado por verba pública, porque se o Estado parar de pagar esse sistema, talvez uma ou duas emissoras de rádio sobrevivessem, uma ou duas emissoras de televisão sobrevivessem, e com uma

quantidade de pessoas e equipamentos muito menor do que tem hoje. Os jornais, praticamente nenhum sobreviveria sem o dinheiro do governo. Pararia tudo isso.

Agora, o dinheiro do governo, não é "só do poder executivo". Se você der uma olhada, a Gazeta é um jornal diário que tem quatro ou cinco colunistas sociais. Tem coluna social 'no balde'. Boa parte dos colunistas tem cargo comissionado, não no governo, mas principalmente no Judiciário, no Ministério Público, no gabinete de juizes, promotores, desembargadores. Mantêm uma coluna no jornal, então, naturalmente, as personalidades mais fotografadas são seus chefes do trabalho estatal.

Essa é a descrição de um sistema, talvez, feudal, de organização social muito parecido com uma mistura de sistema político aristocrático com feudal, com medieval. Mas é muito pouco parecido com uma República, com separação de poder, definição de controle social e separação de público e privado. Todas essas definições de uma sociedade capitalista moderna e de uma democracia de um sistema de estado de direito democrático são inteiramente alheias do sistema político de comunicação no qual nos vivemos no Acre, um monstro diferente, um outro DNA. Eu não sei quando que esse sistema vai se extinguir, mas ele não é eterno. Vejo sinais de cansaço nesse sistema.

Mas a crise é da comunicação ou é desse modelo de governança?

Esse modelo, ele é a crise. Não é a comunicação que esta em crise, ele é um sintoma de uma degenerescência de um estado, que não é o Estado do Acre, é o Estado brasileiro, e de uma sociedade que vem florescer no período neo-colonial como o instrumento de legitimação do comportamento público, oriundo da ditadura. Todo sistema que nós temos hoje, é um sistema que veio aos trambolhões da colônia, do tempo da colônia, que transformou em velha república, que se transformou em nova república e desembocou numa ditadura militar. E esse sistema de governança, e ao mesmo tempo esse sistema de comunicação, foi evoluindo nessa sociedade, nesse sistema, com os instrumentos de controle e de formação de mentalidade, de construção de subjetividade até construídos ao longo desses períodos, particularmente, associados no período da ditadura. Agora, nós estamos vivendo os dispendios desse sistema e ele pode sobreviver por muito tempo, pode renovar, pode derrotar as tentativas de mudanças e renovação, às vezes, até por dentro. Então, do PT e do Lula ao governo do País, parecia ser um golpe final desse sistema. Mas, o governo do Lula não extinguiu com o 'valeioduto'. Ele assumiu pra ele, pegou o sistema de corrupção, caixa 2, existente nos governos anteriores, e, em vez de extingui-los, 'vamos colocá-los para trabalhar em nosso favor'. O governo do Lula que seria um golpe final na ditadura... todos os sistemas de controles existentes no período da ditadura se renovaram dentro dele. As oligarquias, os arranjos oligárquicos, os sistemas autoritários, os aparelhos de produção ideológica que a gente pensava que fossem ser destruídos, não apenas sobreviveram como se renovaram no interior do Estado dirigido pelo PT.

Então, esse sistema pode ter muita vida pela frente, mas, considero a situação de desmobilização das forças de mudanças tão grande, tão grave que já cheguei a achar que só seremos salvos pelo tsunami ou pelo aquecimento global, pela guerra civil que esta cada vez mais visível, alastrada nas ruas das grandes cidades. A bagunça social vai ser tão grande e o desastre ambiental vai ser tão grande, que a sociedade vai entrar em colapso. Nós não temos, por ausência, forças que promovam a mudança. Enfim, pode ser bastante apocalíptico, mas é uma possibilidade. Pode ser uma das mais prováveis. O colapso ambiental e social é

mais provável que a mudança e a salvação por forças sociais renovadores como a gente chegou, em um tempo, a acreditar. Uma última ilusão se desfaz agora.

Essa ausência de renovação, por exemplo, você mesmo falou do surgimento de novas alas, estão comprometidos pelo chamado 'fato político'?

Isso, na verdade, é uma profissionalização da política. Parecia que ia ser rompida pela imergência de novas forças sociais, a própria esquerda, no caso do Brasil. Particularmente, o PT parecia trazer para dentro do ambiente da política uma série de lideranças populares sindicais que não eram políticos profissionais e que beneficiaria uma tomada do espaço físico do poder político, por quem eram excluídos. Aí você imagina o que era 100% dos deputados e senadores políticos da classe e agora, metade passam a ser emergentes, gente que vem das camadas populares e que não dominam o código, a linguagem, articulações, as técnicas da política como era feito antes. O problema é que, essas pessoas, ao invés de mudar a política, elas aprenderam a fazer a política como era antes e se transformaram em novas táticas. Houve uma ampliação da quantidade de operadores políticos, mas o sistema permaneceu o mesmo, então, não existe renovação das lideranças, mas existe uma espécie de câmara de envelhecimento de liderança a partir do momento em que uma nova liderança assume o status, o posto, seja de líder sindical, presidente da associação dos moradores, ou secretários ou ministros de Estado. Eles imediatamente começam a funcionar com mente estatal, métodos burocráticos, envelhecem da noite pro dia. A renovação é a do estoque de carne a ser consumida pelo sistema, não é mudança de sangue novo, ele alimenta o sistema. Quer dizer que não há mudanças, quem entra é igualzinho? Mas a mudança é muito pequena pro tamanho dessa emergência. Ao mesmo tempo, a mudança do perfil do comportamento daquele que chega ao Estado, para pior, é tão grande quanto a mudança do Estado é pequena. Essa mudança tão pequena do sistema corresponde a essa mudança enorme dos recém chegados ao sistema.

O Lula não pode dizer como o Fernando Henrique 'esqueçam o que eu escrevi', mas ele esta todo tempo dizendo 'esqueçam o que eu falei'. E é interessante o cinismo como essa mudança é encarada, como sendo algo natura e inevitável, bom e desejado; 'ah, é isso mesmo, a gente quando ta fora tem ilusões e aqui a gente se depara com a realidade'. Essa explicação simples da mudança, sem maior objetividade maior realismo e maior lucidez, como se tudo que os excluídos fazem são coisas idealistas, irreais, irracionais, delirantes. Como se a utopia de mudança fosse uma coisa ruim e o realismo e acomodação ao que é a manutenção do Estado só fosse uma coisa boa. Esse cinismo dessa explicação é transformado em razão do Estado, em ética, em valor. Eu acho que a perda só não foi maior porque apenas ela passa a ser uma descoberta que nós já não tínhamos. Só nos resta pensar o seguinte: não é que os que chegaram ao poder mudaram, eles já era assim, apenas se revelaram o que já eram. Aí, você vê que certas práticas corruptas e autoritárias do governo já eram praticadas antes, quando esses governantes eram líderes sindicais, nos seus pequenos aparelhos. Eles já faziam nos pequenos aparelhos o que fazem no grande, na verdade, eles apenas têm a oportunidade de revelar melhor, tornar mais visível algo que para eles já era ideologia, já era conservadora. Existe, entretanto, coisas que precisam ser renegadas. O PT lutava, afirmava e escrevia contra os trangênicos. Depois, o governo do PT luta para aprovar os trangênicos. Têm coisas que o cinismo precisa ser completo, tem que realmente renegar o seu passado histórico.

Eu não queria que isso que eu to dizendo fosse encarado como uma condenação moral. É mais uma constatação política, uma constatação de que, da força do

sistema, programação mental, a força dos paradigmas operantes com os quais a gente vive e faz as coisas; e que quanto mais responsabilidade coletiva uma pessoa ou um grupo tem, maior é a força desses condicionantes. Então, acho que, no final das contas, a renovação que não está sendo possível no Estado era porque não era possível mesmo. A gente tem que chegar na constatação de que o Estado é isso e que as mudanças que ele pode ter não serão suficientes para mudar sua natureza e que, portanto, a renovação desejado não é estatal, não é a renovação do Estado das políticas, das leis, dos veículos de comunicação, do aparato oficial. Talvez, a gente deva desejar e observar mudanças que estão acontecendo no âmbito mais difuso no comportamento da cultura, nos valores, na sexualidade, na moralidade, na visão do mundo, parcelas, grupos coletivos.

São opção de produção que podem se tornar campos dos poderes?

Talvez ou talvez eles possam dissolver o poder, encontrar outras formas, na verdade. A gente dá muita importância ao poder político e não vê que o poder político se exerce numa infinidade de espaços. Desde Foucault, com a 'Microfísica do Poder'... é o poder real. Tem uma frase que diz: "Eu não temo o ditador que esta no palácio, temo o guarda que esta na esquina". O ditador tá lá no palácio, não tá nem me vendo, mas o guarda que está na esquina me vê, me pega. Ele representa o poder porque tem um revólver, cacetete. Eu sou a vítima do tamanho dele, que ele pode alcançar. Eu sou uma vítima muito pequena para um grande ditador, mas o guarda da esquina, eu me torno a vítima ideal pra ele. Esses micropoderes são, um pouco, grande poder e a mudança, a renovação, a utopia, revolução também é possível nesses espaços, nessas dimensões. A gente centralizou demais, obedeceu ao comando da razão de Estado e centralizou demais a nossa utopia. A gente achava: 'nós vamos tomar o poder central e de lá de cima, a gente manda uma ordem e muda o mundo inteiro'. Não dava, nós vamos ter que mudar esse pedacinho e resistir contra as ordens do poder central, aí outro pedacinho muda e outro também. Daqui a pouco, temos uma grande mudança.

Então, essa pulverização da mudança é uma constatação de que não dá pra combater o poder com seu oposto simétrico, mas com um combate mais molecular, talvez quântico. Com relação a essa coisa da comunicação, isso tem explicações diretas. Eu tenho um blog (diário virtual www.oespiritodacoisa.blog.uol.com.br), que é lido por cem ou duzentas pessoas diariamente. Eu tenho momentos de grande audiência, consegui alcançar 200 entradas por dia. O Altino Machado (jornalista, que mantém o blog www.altino.blogspot.com) tem mais do que isso, tem mais de mil entradas diárias e porque ele não conta acessos repetitivos e não conta a central telefônica. Se tem uma central telefônica com um numero na assembléia legislativa que o acessem por esse ramal, se 10 pessoas acessaram, conta apenas uma o blog do Altino. É o veículo de comunicação de maior publicidade no Estado, mais do que todos os jornais diários somados. Mas, ainda assim, a gente sabe que não tem, no meu blog ou no do Altino, comunicação direta com os moradores da periferia, bairros pobres. O jornal falido que é publicado hoje, aqui pelo governo, alcança esse público de uma maneira muito interessante. O locutor pega e lê o jornal. Fica uma coisa interessante. O rádio é em tempo real e o jornal é feito do dia pro outro. Então, o jornal teria que dá hoje, a notícia que saiu no rádio ontem, mas acontece ao contrario. O locutor da radio lê hoje o que o redator do jornal redigiu ontem. É um absurdo total.

E quantas passagens esta informação teve?

De ação, de versões de filtragens, tem uma reprodução de uma leitura que foi oficializada, autorizada. Isso significa que, embora esse sistema em que os jornais são redatores do rádio e pauteiros da televisão (repórteres de televisão pegam o jornal e vêem a pauta pra sair e fazer sua reportagem na televisão), o jornal deveria ter um reflexo do que deu na televisão e não o contrário. Mas, esse sistema político e de comunicação age no sentido de manter o status quo e reproduzir sua permanência. Os blogs, sites mal comportados, eles vão no sentido contrário, mas em menor alcance e menor poder. O blog do Altino tem mais alcance do que o jornal a Gazeta, mas ele tem menos poder porque o poder do jornal é unificado pelo sistema de rádio, televisão e político. O político dança no compasso do jornal e não dança no compasso do blog, que é algo que está escapando e o poder político esta trabalhando como inserir no sistema.

Qual a tentativa no Estado brasileiro hoje? É controlar a internet. De vez em quando aparece um político em Brasília apresentando um projeto de regulamentação da internet de como controlar, impedir que a internet fuja ao controle das leis do Estado, da moral, dos costumes, etc. É uma tentativa desesperada, porque eles não conseguem comprar tudo. A internet, os blogs, hoje são puros sistemas por onde 'a canoa ta fazendo água'. Acho que isso é bem dentro dessa mudança molecular, são pequenos focos de alastramento, contaminação de passagem de informação de influência, milhares. A proliferação desses pequenos postos é que vai gerar um novo sistema completamente desarticulado, muito mais descentralizado, isento de poder e que, no entanto, é que pode substituir, vencer e oferecer uma alternativa ao sistema vigente. Eu acho que a gente poderia detectar várias formas de comunicação comunitária e novas formas de comunicação comunitária que estão permeando a vida nas colônias, bairros, aldeias e nas periferias das grandes cidades. Nós podemos ter linguagens diferentes, o baile funk, a roda de capoeira, o grupo de música, as igrejas, têm milhares de formas novas e antigas de comunicação. O que é importante é detectar como essas formas de comunicação estão se renovando nos seus modos operantes e nos conteúdos de suas mensagens, como elas estão processando o novo mundo, novas situações pelo qual o mundo passa e, talvez, a gente possa detectar aí sinais de mudanças. Talvez existam sistemas conservadores, tradicionais, como igrejas, onde estejam lutando para manter ou trazer as novidades para dentro da sua interpretação e, portanto, para a construção do seu poder. E nós podemos ver a existência de novas formas de comunicação e organização das comunidades que estão mudando esse poder ou contestando, ou criando alternativas. Ai precisaria a gente ter uma cartografia da organização social comunitária, uma nova pesquisa sobre o que está em mudança na nossa sociedade. Tem muita gente procurando detectar essa coisa e tal, mas, o choque, a mudança, é muito pequena na prática. A Marina colocou uma coisa interessante um dia desses quando detectou um aumento do desmatamento da Amazônia no período do inverno, que é uma coisa atípica. Ela percebeu que o controle que o governo estabelece está sendo burlado e a governança não estava sendo suficiente para promover uma queda continua no desmatamento. Então, ela colocou um dilema: se a governança não consegue, talvez seja o caso de voltar à militância. O empate que o governo promove com a militância com tropas e vigilância de satélites não é suficiente, o empate que não tem poder porque existe outra parte do governo que estimula, que dá dinheiro, que estimula que compra a produção ilegal, que financia a devastação, não só a parte do governo que promove o empate da devastação não esta sendo o suficiente; o empate que era feito pela população do movimento prático talvez fosse antes mais efetivo. A Marina colocou esse dilema: o que é mais efetivo, a governança ou a

militância? E chegou a conclusão de que a militância deve atuar junto com a governança no sentido de promover esse empate contra a devastação. Eu acho que a gente teve uma perda de militância muito grande na sociedade brasileira amazônica, acreana, nos últimos quinze anos, porque essa militância desistiu em favor de uma governança, que mostrou-se muito pouco eficaz e talvez, eu torço para haja um aumento dessa militância rápido no próximo período, porque senão, eu acho que vamos perder a parada. Aí, só nos vai restar esperar pelo aquecimento global, inundações.

Como é um oportunismo muito grande, você ter uma mídia que cobra medidas do governo de conservação, mas, flexibiliza para atender aos anunciantes. A mídia cobra a favor dos transgênicos porque ela é muito bem remunerada pela Monsanto pra gritar a favor dos transgênicos. A mídia cobra contra o desmatamento, mas, fica com raiva quando se diz que o desmatamento é consequência do agronegócio, porque ela tenta achar culpados para o desmatamento para que não seja o agronegócio. Portanto, há dubiedade na mídia e um grande oportunismo nisso também, e, sobretudo, existe uma autorização das pontes com uma hierarquização da legitimidade.

Quando se faz uma reportagem sobre alguma qualquer coisa da Amazônia existem algumas autoridades que falam, o cientista é uma autoridade, mas o empresário também é uma grande autoridade. Existem alguns poderes estabelecidos, alguns personagens cuja fala é legítima e outros, cuja fala é colocada sobre suspeita, um militante ambientalista, por exemplo. A fala dele está ali só pra ser contestada, porque ela não tem autoridade nenhuma, quase como um louco. É até uma coisa, se você for militante ambientalista e empresário, se você quer que seu discurso valha alguma coisa, apresente-se como empresário e não como ambientalista. Se você for dirigente de um ONG e for economista, apresente-se como economista, porque a posição de onde você fala é que legitima o seu discurso. E a mídia é um lugar onde essas distinções são consagradas, é na maneira que os meios de comunicação apresentam ao público o personagem, é como essa hierarquia é publicada e registrada, onde a fotografia dela fica visível. Antes eu tinha vergonha de me apresentar como jornalista, agora pode me chamar até blogueiro que eu não me ofendo.

Você ainda tá no UOL?

Mas vou mudar pro blogspot (servidor) porque pode ter textos maiores. Mas estou fundando um site, que tem domínio.org, onde vamos publicar coisas. Eu vou fazer um link com meu blog nesse site, vou ter uma seção onde vou publicar textos mais cumpridos, os textos que forem do blog vão pra lá também. Então nem tudo que tem lá vai ter no blog. Textos grandes não vão caber no blog. O Altino tá fundando um site com outro domínio, onde vou linkar meu blog. Também acho vamos constituindo uma rede.

Como você tá projetando?

Eu vou quando remexer na minha página, vou renovar os links com quatro ou cinco contatos que sejam centrais, onde o leitor encontra tudo. Articular a rede. Há muitos anos atrás, eu vi no blog de um artista que na época eu era militante político e queria ver as coisas sempre muito rápidas. Gostei do que ele falou e anos depois, eu passei a pensar cada vez mais com... ele disse que queria que a arte dele fosse como uma corrente de Santo Antonio, aquilo que você manda vinte cartas e cada pessoa tem que mandar pra outras vinte. Vinte pessoas vão ver minha arte, mais vinte vão pegar e colocar dentro da sua arte e passar para outras pessoas. Então, eu vejo uma coisa que você não tem um acesso direto

muito grande, mas ela vai se propagando. Quatro anos atrás eu joguei a palavra 'florestania' no google e me deu mais de mil páginas. Como é que... de repente! Então, com essa era digital hoje, vai dá um número maior de páginas.

Então, tem uma possibilidade de não ter uma angústia com relação à mudança de massa, de a gente alcançar um grande público. É o que tem, o que da pra fazer. Levar a garrafa até o continente.

Eu acho que tem que ter mudanças. Eu to gostando dessas novas mídias, novas escolhas, invenções, essa tv digital, que vão surgindo e que você pode, com o celular, acessar as mídias na internet. Então, eu posso fazer um pequeno telejornal pra você assistir no seu celular, ou fazer boletim que mantenham-nos informados das coisas e você assina meu site porque você sabe que não vai ficar desinformado. Outro tipo de informação: você é empresário do ramo de construção, então eu crio um boletim informativo que vai te dar mudanças de material, novas leis, licitação, vou me manter informado sobre isso e de hora em hora, coloco isso no meu celular em tempo real, dá um bipe no seu celular e você tem aquilo ali. Então, quem faz esse serviço? Um grupo de jornalistas sentados numa sala com computadores, pegando notícia, colocando num formato adequado e adaptando-as. Pode ser um grupo ou uma empresa de comunicação que tem um público, assinantes têm dinheiro pra fazer aquele serviço. Assim, pode ser pra igreja, pra organizações não governamentais, em veículos pequenos, que ajam e atendam a demanda. Eu acho que é possível abrir por aí um campo extremamente grande de trabalho criativo, de linguagem. A arte pode passar aí, um festival de teatro. Eu poderia não assistir a peças, não fui porque tava com preguiça, mas a riqueza dessas peças poderiam estar registradas em vídeos e estar colocados na internet para todos terem acesso ou mandar por e-mail para ver o que rolou. A internet é um diálogo de mídia, textos, áudio.

A Radiobrás tentou fazer isso, buscar uma linguagem à altura do desafio, unindo texto, áudio, imagens, com apuro textual. Ao mesmo em tempo que elas são complementares, são independentes. Se você só ler, não sente necessidade de outras informações. Se só ver o vídeo, também vai estar informado. Mas as três se complementam. É o apuro técnico da reportagem.

Eu acho que tem uma nova turma se apresentado. Teve uma turma aqui do Acre que apresentou o videolog, teve uma turma que lançou o primeiro blog de vídeo, vinte mil visitas diárias aí, hoje em dia, no Youtube e outros milhões de sites em vídeos interessantes. Mas acho que, daqui a cinco anos, vamos ver coisas espantosas. Aqui tem televisões de internet, tem um ou dois canais que fazem televisão e jogam na internet. O site do Altino que ter uma sessão de vídeos, alguns vão ser de mais audiência, outros menos. É achar a linguagem e o formato que despertem interesse em determinados públicos. Eu sei que, se fizer uma coluna de xadrez, onde eu reproduzo as partidas e mostro gráficos como os diagrama das posições e nas análises, eu faço o teto dentro, marco casas dentro do tabuleiro, é uma animação gráfica e eu posso pegar isso e lançar na internet. Vou ter aqui no Acre, todo dia, umas cinquenta pessoas que vão clicar pra ver a nova partida. É pouca gente, mas é um público. Em outros estados, pode ter um público maior. Agora mesmo, o governo distribuiu 4.500 tabuleiros de xadrez pelas escolas por aí. Então, digamos que agente tem um público crescente aí.
